

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO


**A INDISCIPLINA ESCOLAR: O PROCESSO DE FORMAÇÃO
DOCENTE E A INSTITUIÇÃO ESCOLAR FRENTE A SITUAÇÕES
DE CONFLITO**

SOCCIARAY JESUS OLIVEIRA

São Gonçalo
2009

A INDISCIPLINA ESCOLAR: O PROCESSO DE FORMAÇÃO
DOCENTE E A INSTITUIÇÃO ESCOLAR FRENTE A SITUAÇÕES DE
CONFLITO.

SOCCIARAY JESUS OLIVEIRA



Monografia apresentada como
requisito parcial para obtenção do
título de graduada em Pedagogia,
ao Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de
Professores da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo
2009

Aprovada em _____

Banca Examinadora

Helena Amaral da Fontoura – orientadora

Gianine Maria de Souza Pierro - parecerista

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que me deu muita força para seguir em frente e conseguir alcançar o meu objetivo maior neste momento, concluir a faculdade.

Aos meus pais Marcos e Marília que muito me ajudaram e me apoiaram em toda a minha trajetória, sendo sempre compreensíveis em todos os momentos.

As amigas Priscilla Guilles e Ana Paula Peclat, que juntas conseguimos edificar uma grande amizade que muito contribui para o meu crescimento dentro do curso.

Ao meu namorado que me ajudou muito desde quando estudávamos juntos para o vestibular, até a conclusão da minha faculdade.

A todos que aqui não foram mencionados, mas sabem da importância que tiveram e que muito me auxiliaram durante todo o período em que estive na universidade.

RESUMO

A indisciplina escolar atualmente tem desencadeado sérios problemas dentro da escola. Os relacionamentos que vêm sendo estabelecidos dentro das salas de aula entre professores e alunos mostram o quão difícil se tornou hoje o trabalho do educador. Neste estudo pretendeu-se compreender e expor alguns fatores que levam à promoção da indisciplina escolar, procurando entender a formação de professores frente às situações de conflito, bem como o relacionamento professor-aluno. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de Niterói, Rio de Janeiro, a partir de entrevistas com duas professoras da escola, que falaram sobre situações do cotidiano. Nosso estudo revelou a importância de uma formação continuada que dê subsídios aos docentes para lidarem com tal problemática e a necessidade de participação de todos (professor, aluno, escola, família) no processo educativo, a fim de que se resolvam pelo menos em parte os problemas edificados pela indisciplina.

Palavras-chave: indisciplina escolar, relação professor-aluno, formação de professores.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo I - A INDISCIPLINA NA ESCOLA: FATORES INTERNOS E EXTERNOS QUE A PRODUZEM	9
1.1 - A importância da família no processo de formação escolar de seus filhos	11
1.2- A escola enquanto espaço de construção coletiva de regras e limites	13
1.3 Quando o problema da indisciplina é a relação-professor aluno	14
Capítulo II - O ENFRENTAMENTO DO EDUCADOR FRENTE À INDISCIPLINA ESCOLAR E O SEU PROCESSO FORMATIVO: UMA VISÃO NO COTIDIANO DAS AULAS DA ESCOLA MUNICIPAL HELENA ANTIPOFF	17
2.1- O processo de formação do educador frente à indisciplina escolar	20
2.2- A indisciplina escolar pautada no cotidiano das aulas da Escola Municipal Helena Antipoff: uma visão de cada educador e de como a concebem	22
2.3 - A instituição escola: como a Escola Municipal Helena Antipoff trabalha frente às situações de conflito	27
Capítulo III - QUANDO PASSA DOS LIMITES - COMO O PROFESSOR E A ESCOLA PODEM TRABALHAR JUNTOS QUANDO A INDISCIPLINA GERA A VIOLÊNCIA ESCOLAR	31
3.1- Quando a indisciplina gera violência escolar	34
3.2- Como o educador e a instituição trabalham frente às situações de confronto	36
Considerações finais	38
Bibliografia	40

INTRODUÇÃO

A escola atual vem sofrendo em seu cotidiano reflexos do meio no qual está inserida. Os variados tipos de sujeitos que nela estão presentes contribuem na formação deste espaço de relacionamentos e de conhecimento e aprendizagem.

O educador, dentro deste contexto marcado por diferentes tipos de alunos, vem sofrendo um dos problemas mais recorrentes dentro da instituição, a indisciplina escolar. O relacionamento professor-aluno em decorrência desta problemática tem sido pautado no autoritarismo do educador para conseguir a tão esperada disciplina. De fato, docentes e discentes vêm dentro de suas salas de aula estabelecendo relacionamentos não baseados na parceria, em que os educadores não buscam entender os motivos e as causas do mau comportamento destes, não procurando compreendê-los, em alguns casos, para além do contexto escolar.

Assim, a indisciplina e suas consequências vêm desencadeando um turbilhão de problemas, no qual o professor e conseqüentemente a escola em grande parte não conseguem lidar. Cada vez mais vem sendo difícil conseguir a disciplina e se fazer respeitar. Este movimento tem gerado em algumas instituições a violência escolar, seja ela provocada por um constrangimento moral, físico ou pelo uso da força, sendo uma triste conseqüência de uma situação que quando chega a este patamar encontra-se fora de controle. E em relação a isto Zandonato (2009) nos diz que a violência na escola encontra-se em relações conflituosas e danosas entre professores e alunos e dos alunos entre si e que seria resultado do reflexo e da reprodução de outras violências que nos cercam.

Contudo, para conseguir a tão esperada harmonia dentro do grupo classe, não depende somente do trabalho de educador e da instituição, mas da participação familiar, pois o comportamento dos alunos também é reflexo do seu cotidiano, de sua estrutura familiar, de como este aluno se percebe no mundo, ou seja, os lugares sociais a ele reservados.

Deste modo, a família como primeira instância social com a qual a criança tem contato, encontra-se hoje, desgastada. Os relacionamentos entre pais e filhos em muitos casos não apresenta mais o respeito à figura de ambos, desencadeando, algumas vezes, um relacionamento conflituoso que acaba por refletir nas atitudes das crianças nos diferentes lugares onde elas estão inseridas. Diante disto, é necessário que haja compatibilidade entre escola e família, sendo importante que se estabeleça uma parceria, pois a estrutura familiar é fundamental no processo de formação do educando, enquanto sujeito reflexivo e autônomo.

Consequentemente, fatores internos e externos contribuem para o desencadeamento da indisciplina escolar, e a escola sozinha não possui aparato para lidar com tal problemática. Por isso os educadores, neste contexto, juntamente com a família, devem trabalhar unidos para conseguirem bons resultados.

Por conseguinte, sendo um tema com variadas vertentes, serão aqui apontados alguns pontos que se deterão em apresentar possibilidades que contribuem para a promoção da indisciplina no contexto escolar, deixando claro que não numa perspectiva de conhecimentos definitivos, mas como um ponto de partida para a reflexão desta problemática, por parte de todos envolvidos na questão.

O que motivou a escolha deste tema foi buscar saber os motivos que levam à indisciplina na sala de aula e em que circunstâncias o professor é de fato, autoritário, visto que a relação entre o educador e educando deve acontecer num clima que facilite ao aluno aprender, pois como afirmam Abreu e Maseto (1990): *“é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade”* (1990, p.115).

Portanto, o objetivo que ora se propõe a presente monografia é discutir as questões sobre o processo de formação do professor dentro deste desafio da escola atual, em consequência o seu relacionamento com o grupo classe e os problemas provocados pela indisciplina, fazendo gerar a violência escolar, bem como os diversos fatores externos e internos que desenvolvem os chamados atos indisciplinados.

CAPÍTULO I - A INDISCIPLINA NA ESCOLA: FATORES INTERNOS E EXTERNOS QUE A PRODUZEM

Docentes e discentes vêm dentro de suas salas de aula estabelecendo relacionamentos não baseados na parceria, nos quais os educadores não buscam entender os motivos e as causas do mau comportamento destes, não procurando compreendê-los, em alguns casos, para além do contexto escolar, se utilizando assim, de artifícios que lhe cabem, e neste caso às vezes o abuso da autoridade, para conseguir os objetivos esperados. Mas o que o professor enquanto educador deveria saber é que quando se trata de sujeitos os resultados se apresentam de variadas formas, em alguns momentos podendo não atender às expectativas esperadas.

Assim, como nos diz Libâneo (1994), em nome da autoridade, o professor se apresenta com superioridade, faz imposições descabidas, humilha os alunos. Tais formas de autoritarismo – evidenciadas na exacerbação da autoridade – não são educativas, pois não contribuem para o crescimento dos alunos. O professor autoritário não exerce a autoridade a serviço do desenvolvimento da autonomia e independência dos alunos. Transforma uma qualidade inerente à condição do profissional professor numa atitude personalista.

Com isso, surgiram as perguntas acerca desta problemática: o que leva os professores a serem excessivamente autoritários? O que faz com que professores adotem uma postura de superioridade em relação a seus alunos? E os fatores que levam à indisciplina dos alunos estão somente relacionados à questão do mau relacionamento com o seu professor?

Deste modo, tratando-se de crianças cabe ao professor procurar uma melhor interação, ou seja, uma melhor união entre ele e seus alunos procurando saber, investigar o que está acontecendo na vida de cada um para que eles se comportem em alguns momentos de maneira receosa e até mesmo violenta para com o professor, e tentando assim, entendê-los e não “rotulá-los” com base em uma primeira impressão, pois como diz Buscaglia (2007):

“Rótulos, rótulos, rótulos! Quantas crianças não foram educadas por alguém tê-la rotulado em algum momento da vida? Estúpido, parvo, perturbado emocional. Jamais conheci uma criança estúpida. Nunca! Nunca! Só conheci crianças e jamais duas delas eram parecidas. Os rótulos são fenômenos que distanciam. Eles nos separam dos outros.” (2007, p.26).

A indisciplina escolar tem sido atualmente um dos principais problemas do professor. Controlar a classe em tempos nos quais a figura do educador vem sendo cada vez mais desvalorizada, faz com que o profissional já fragilizado recorra a meios como o abuso da autoridade, a ameaça de punições e castigos para conseguir lidar com a situação.

Quando se discute sobre o assunto, e o que poderia ocasionar tal movimento, as justificativas são diversas, e acabam por não abrir os olhos dos educadores e da própria escola para o que realmente poderia estar desencadeando tal atitude.

Diante disso, a indisciplina escolar pode ser associada a fatores externos, como problemas de cunho familiar, com o próprio aluno, tanto quanto por fatores internos, como problemas com o professor, com a escola, com o sistema educacional. Porém, o que não se pode negar é que ela existe.

Assim, a falta de diálogo entre a escola e a família, o aluno e o professor, faz com que as situações se agravem e resultem em movimentos indisciplinados, que por sua vez sinalizam aos olhos de quem realmente quer ver que existe um problema que precisa ser analisado, a fim de se descobrir o que poderia estar desencadeando, para enfim solucioná-lo. Antes de se rotular o aluno como indisciplinado é necessário observar o porquê de tal movimento, pois segundo Silva, Ferreira e Galera (2008): “*A disciplina e a indisciplina são produtos sociais e escolares e não devem ser consideradas boas ou más, pois isso depende do contexto e da lógica em que estão inseridas*” (2008, p.662).

É necessário que haja compatibilidade entre escola e família, pois é importante que se estabeleça uma parceria, pois há famílias que transferem muito da sua responsabilidade em relação à educação de seus filhos para a escola; com relação a isto, Santos e Nunes (2006) nos dizem: “*os pais em diferentes condições socio-culturais, costumam esperar da escola tarefas educativas muito diversas e, até mesmo, que a escola assuma ações que seriam própria da família*” (2006, p.18). Então, diante disto, é preciso que a escola estabeleça um bom relacionamento com a família para que fique claro o papel de cada uma em relação ao processo de formação educacional e cidadã desta criança.

Com isso, é importante também que o professor enquanto profissional comprometido com o seu trabalho repense e analise cotidianamente a sua prática, pois segundo Aquino (1998): “*Indisciplina é um evento escolar que estaria sinalizando, a quem interessar que algo, do ponto de vista pedagógico, e mais especificamente da sala de aula, não está se desdobrando de acordo com as expectativas dos envolvidos*” (1998, p.12). E, portanto, o professor precisa ser suficientemente humilde e olhar também para si mesmo, para o seu trabalho, no qual aquele aluno está somente expressando o que para ele não está fluindo como o esperado. Por isso, todo professor e também a escola devem construir coletivamente com seus discentes regras e posicionamentos que favoreçam os dois lados a fim de que se edifique enfim uma instituição democrática e de comum acordo com todos os sujeitos envolvidos.

Portanto, os princípios da indisciplina escolar podem ser tanto de cunho pedagógico, quanto familiar, e quando entendida “corretamente” pela escola e família, pode ser solucionadas com êxito, pois segundo Santos e Nunes (2006): “*Precisa-se de uma educação que valorize as organizações coletivas e que contribua para a construção da autonomia e para o desenvolvimento intelectual dos alunos, a fim de que se conquiste uma sociedade democrática*” (2006, p.22).

1.1- A importância da família no processo de formação escolar de seus filhos

O papel da família é muito importante no processo de construção da criança e conseqüentemente frente às questões disciplinares, no qual estas desde o seio familiar precisam conhecer limites e regras que todos precisam para conviverem em uma

sociedade, pois a escola é um espaço de diversidade, em que os sujeitos escolares não são todos iguais, possuem suas particularidades, que cada qual deve saber respeitar.

Contudo, em relação a isto é necessário que família e escola caminhem juntas, pois como nos diz Jusviack (2009): *“Se a família, seja ela qualquer constituição, oferecer uma formação pautada em valores, com papéis definidos com certeza refletirá no trabalho do professor em sala de aula como consequência uma aprendizagem de sucesso”*. (2009, p.12)

No entanto, a participação e a colaboração familiar na escola são fundamentais para o bom rendimento do aluno, pois é na família que os alunos adquirem os modelos de comportamento que esteriorizam na sala de aula (SANTOS e NUNES, 2006). E neste ponto, fica mais claro para o educador trabalhar a questão da indisciplina, pois uma família comprometida com o processo formativo de seu filho contribui para o bom desenvolvimento deste aluno na sala de aula. O educador juntamente com o aparato familiar em relação ao problema enfrentado, se sente mais seguro de si para seguir em frente, já que assim não somente enxerga os seus educandos dentro dos muros da escola e sim para além dele, pois conhece quem são e como se dá o relacionamento aluno-família, compreendendo-o em sua totalidade de aluno-cidadão que ele é.

Entretanto, sabemos que nem todas as famílias participam ativamente da vida de seus filhos e em consequência há alunos que não conseguem compreender a dinâmica da escola, já que por sua vez não obtiveram em casa subsídios capazes de lhes fazer entender este meio, e nem tão pouco a conviverem com a sociedade, com o outro.

Por isso, é necessário que família e escola trabalhem juntas, na busca da disciplina tão almejada e desejada por ambos, pois se sabe que a escola sozinha dificilmente conseguirá resolver um problema que não diz respeito somente a ela, mas que foi construído antes e que sem a ajuda dos pais pouco será o avanço, pois segundo Jusviack (2009):

“Sempre é bom lembrar que a escola sozinha não consegue resolver todos os problemas

relativos à indisciplina, é preciso aliar-se a família para dialogarem, ajudarem seus filhos e alunos a terem uma postura crítica diante das mídias e modismos, repensarem o sentido da vida, estabelecer e cumprir limites, enfim a família como parceira da escola” (2009, p.9).

Enfim, se família e escola conseguem juntas caminhar com o intuito de uma melhor formação deste aluno, certamente o processo de construção deste acontecerá de maneira que o aluno compreenda o seu papel no mundo, pois quando ambas trabalham juntas visando o sucesso do aluno/filho, as chances desta criança serão muito maiores com relação ao seu bom desempenho escolar.

1.2- A escola enquanto espaço de construção coletiva de regras e limites.

A imposição de regras e limites que não são construídos coletivamente gera em alguns alunos a posição de não aceitá-las, transformando-se assim aos olhos da instituição em um discente indisciplinado, que não consegue conviver com regras e limites já estabelecidos.

No entanto, a problemática não está em aceitar as regras, mas em justamente no porque em aceitá-las, uma vez que grande parte destes alunos que apresentam problemas em relação à aceitação destas não as compreende em seus fundamentos. Por isso, a necessidade de serem construídas coletivamente com toda a comunidade escolar, pois quando impostas autoritariamente, estão longe de serem seguidas e até mesmo respeitadas. Deste modo, é necessário que a escola defina juntamente com seus alunos o caminho a ser trilhado. E para que a educação represente mudança deve-se cultivar, sobretudo entre os professores uma postura de interesse pelas metas, realizações e problemas dos estudantes (SANTOS e NUNES, 2006).

Assim, é importante que a instituição desenvolva, isto é, crie suas regras juntamente com seus alunos para que estes se sintam importantes que façam parte deste processo, já que quando motivados e incentivados pela própria instituição as perspectivas em relação à mesma não são de enfrentamento, visto que assim conseguem entender o engendramento da instituição escola.

Por ser uma questão constante dentro das instituições, a construção de regras coletivas pode ser um bom caminho para a diminuição da indisciplina escolar, pois quando fica claro o que se espera dos alunos e o que está sendo oferecido a eles, a convivência neste ambiente de formação será mais prazerosa, pois segundo Silva, Ferreira e Galera (2008):

Uma participação ativa na sociedade pressupõe uma conscientização dos educandos quanto aos seus deveres na sociedade. Assim, a educação também tem o objetivo de desenvolver no indivíduo o interesse na vida coletiva para assumir o compromisso de buscar ações que favoreçam o desenvolvimento da capacidade crítica de julgamento. (2008, p.661)

De fato, segundo Santos e Nunes (2006): *“As escolas contribuem para que as sociedades se perpetuem, pois transmitem valores morais que integram as sociedades. Mas elas também podem exercer um papel decisivo nas mudanças sociais”* (2006, p.15). Portanto, a escola enquanto espaço de formação dos seres sociais deve promover a coletividade e a responsabilidade dos seus, não a partir de “receitas prontas” que nem sempre funcionam com todos, pois cada um é único, mas a partir da sinceridade, do diálogo com os alunos fomentando o bem de todos e não somente o de si própria, considerando o princípio da justiça, estabelecendo enfim, um ambiente cooperativo, que é a base para o desenvolvimento de propostas pautadas na educação moral, objetivando o pleno desenvolvimento do educando (ARAGÃO e FILHO, 2005).

1.3 Quando o problema da indisciplina é a relação-professor aluno

Nos dias atuais, a indisciplina escolar vem sendo uma problemática para o desenvolvimento do trabalho do educador e nas relações que se estabelecem entre professor-aluno dentro do grupo classe, no qual o profissional encontra-se em muitos casos sem perspectivas e desmotivado, agravando-se mais a situação da escola brasileira.

O relacionamento entre professores e alunos tem sido atualmente uma das discussões fortemente travadas. Sabe-se que uma boa relação entre ambos gera bons frutos, porém o que tem ocorrido dentro das classes, segundo Aragão e Filho (2005) é que *“o confronto do professor como autoridade frente à não obediência tem se tornado motivo de sérias preocupações e deixado o professor sem ação”* (2005, p.6). Assim, os professores na construção do seu relacionamento com seus alunos, não devem preocupar-se somente com a formação de conhecimento de seus discentes, mas em estabelecer laços que os possibilitem compreender os seus problemas para então ajudá-los.

Mas, no entanto, há a problemática a ser resolvida, pois na maioria dos casos o que leva os educadores a agirem de maneira autoritária para com seus alunos é fundamentalmente a questão da indisciplina. E o que deveria ser uma relação de respeito, tem sido atualmente uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar, no qual o ensino teria como um dos seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade.

De fato, hoje muitos professores, formadores de alunos-cidadãos não estão preparados para gerenciar tais conflitos. A sala de aula, que deveria ser o *“lócus”* onde educador e educando se encontram visando a troca de experiências e o processo de ensino-aprendizagem tornou-se um local onde ambos se aturam. E o que deveria ser uma relação de respeito, tem sido atualmente uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. Segundo Aquino (1998): *“... a indisciplina estaria indicando também uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno”* (1998, p.4).

Entretanto, os educadores devem ter muita atenção à figura dos seus alunos no que diz respeito à história de vida de cada um deles. É como nos diz Parrat-Dayan (2008), *“a indisciplina na escola é a manifestação de um conflito e ninguém está protegido de situações desse tipo”*. A postura do educador contribui para se estabelecer ou não um bom relacionamento com seus alunos, por isso é fundamental que se estabeleça entre ambos um relacionamento pautado na sinceridade e transparência a fim

de que todos se sintam à vontade para dizer quando algo não está acontecendo como o esperado. Pois como expõe Aquino (1996): *“em suma, o ofício docente exige a negociação constante, quer com relação às estratégias de ensino ou de avaliação, quer com relação aos objetivos e até mesmo aos conteúdos preconizados – sempre com vistas à flexibilização das delegações institucionais e das formas relacionais”* (1996, p.53).

Assim, estabelecer com os alunos uma relação de respeito requer não somente a sinceridade, mas comprometimento nas atitudes e falas do educador, mostrando-se internalizado com a sua prática cotidiana, revelando aos seus alunos o que espera deles e lhes dando a oportunidade e espaço para também ouvir o que eles esperam de si. Não há como se construir uma relação harmônica e verdadeira se não houver interesse dos dois lados, e diante disto Aquino (1998) nos diz:

“O professor competente e cioso dos seus deveres não é, em absoluto, um desconhecido para os alunos; muito ao contrario. Estes sabem reconhecer e respeitar as regras do jogo quando lhe é bem jogado, da mesma forma que eles também sabem reconhecer quando o professor abandona o seu posto” (1998, p.7).

Por isso, o professor enquanto educador comprometido com o seu trabalho e que se relaciona com os diferentes tipos de sujeitos e cada um com sua particularidade, precisa compreender que um bom relacionamento entre ele e sua turma é o ponto crucial para o desenvolvimento de um bom trabalho. Já que os problemas com relação à indisciplina são “facilmente” estimulados quando o professor pautado na figura de ser superior ignora o saber e a experiência de seus alunos, colocando-os como inferiores, incapazes.

Contudo, há uma problemática a ser resolvida, e que será acertada no momento em que juntos, professores e alunos caminharem em busca de um relacionamento que visa o conhecimento e formação plena dos sujeitos envolvidos, pois como nos fala Aquino (1996): *“... não é possível imaginar que a saída para a compreensão e o manejo da indisciplina resida em alguma instância alheia à relação*

professor-aluno, ou que esta permaneça sempre a reboque das determinações extra-escolares” (1996, p.50).

Talvez seja na busca desta harmonia entre professor-aluno que os problemas frente à indisciplina escolar se dissipem, posto que não há como conseguir o total e pleno aprendizado dos alunos se não houver a tão esperada disciplina na sala de aula; porém coagir e ameaçar se utilizando da autoridade docente não é a melhor saída, fazendo que se crie uma relação de medo, conflituosa e sem trocas.

Portanto, o professor tem que ter consciência e respeitar as vivências de seus alunos, tendo clareza de que estes são indivíduos que têm outras relações sociais para além da instituição escolar, e que trazem consigo “marcas” de suas relações com o mundo em que vivem, podendo contribuir ou não para um melhor desempenho na sala de aula.

CAPÍTULO II - O ENFRENTAMENTO DO EDUCADOR FRENTE À INDISCIPLINA ESCOLAR E O SEU PROCESSO FORMATIVO: UMA VISÃO NO COTIDIANO DAS AULAS DA ESCOLA MUNICIPAL HELENA ANTIPOFF

A formação de professores é um processo contínuo e que depende de cada educador e de como este conduz a sua prática, pois é na sua prática cotidiana, nos cursos, nos textos, nos diversos meios de informação e formação que o educador irá encontrar o que lhe é necessário para o crescimento do seu trabalho.

Ser competente, comprometido, indagador, pesquisador, faz com que o profissional cresça positivamente na sua prática educacional, pois este vai além do que lhe é exposto e normalmente exigido. Segundo Nóvoa (2004): *“o maior desafio é manter-se atualizado para conhecer e usar as novas metodologias de ensino para poderem praticar pedagogias eficientes e adequadas à modernidade, as reflexões sistemáticas e continuadas são capazes de promover a dimensão formadora da prática”* (2004).

Consequentemente, o educador deve estar comprometido com a atualidade, em estar ciente das novas metodologias educacionais, de sempre buscar algo novo para complementar, por isso a necessidade de uma formação continuada, pois assim o educador estará sempre atualizado podendo então, sempre valer-se de uma prática reflexiva. Segundo Silva e Araújo (2005): *“a postura reflexiva não requer apenas do professor o saber fazer, mais que ele possa explicar de forma consciente a sua prática e as decisões tomadas sobre ele e perceber se essas decisões são as melhores para favorecer a aprendizagem de seus alunos”* (2005, p.2).

Assim, ser professor exige muito mais do que vocação e força de vontade, exige que o educador tenha uma formação capaz de lhe dar subsídios para exercer tal função, que este seja reflexivo, autônomo, crítico para que consiga realmente trilhar com sucesso os caminhos desta profissão.

Todavia, o educador desfila sempre nos caminhos da incerteza, pois toda prática não é totalmente certa, já que lidamos com sujeitos, com a diversidade, com as

diferenças, e cada indivíduo é único, singular. Sabemos que a educação não é algo estático, está sempre sofrendo transformações que vão de acordo com o espaço-tempo onde cada um de nós vivemos.

Cabe aqui ressaltar que não basta somente uma vontade própria para que o educador se sinta incitado a ir além, a buscar novas fontes de conhecimento, pois levando em consideração que hoje muitos educadores se encontram desmotivados e sem crédito algum em si mesmo, é importante que a escola tenha um olhar mais atento aos seus docentes e os motive, incentive a buscar o novo, fazendo também o seu papel dentro deste engendramento que é a educação, e que dentro de uma instituição formadora de cidadãos críticos, é dever de todos os que nela se inserem promovê-la.

Deste modo, o presente capítulo se propõe a discutir a formação de professores a partir da problemática existente no cotidiano escolar: a indisciplina, tendo como foco de pesquisa a Escola Municipal Helena Antipoff, onde os problemas com a indisciplina são grandes, no qual por vezes a escola e o próprio professor acabavam por não conseguirem solucioná-los, causando um turbilhão de problemas afetando a todos ali envolvidos. Muitos educadores ali presentes encontram-se perdidos sem saber o que fazer para conseguir contornar a situação, de modo que muitos não conseguem ministrar as suas aulas sem que não haja problemas e interferências a todo o momento, deixando transparecer enfim, o quão pesado se tornou o trabalho do educador atual frente a tal problema.

Portanto, é de extrema necessidade que o educador atual busque novas fontes de saberes, pois os problemas institucionais sempre irão existir, e estão cada vez mais fortes, fazendo com que os educadores travem verdadeiras batalhas em busca da solução. Por isso, fica claro que uma boa formação e prática docente dependem especialmente do desempenho pessoal e importância que cada um dá ao seu trabalho enquanto professor. Do valor e do compromisso de cada educador para com a educação, para a formação de alunos críticos e reflexivos, ou seja, de como cada um de nós entendemos e apreciamos o que de fato é ser professor, pois independente dos melhores ou piores cursos o educador só terá progresso e sucesso em sua profissão se se comprometer a fazer a diferença, em lutar por uma educação de qualidade.

2.1: O processo de formação do educador frente à indisciplina escolar.

A indisciplina escolar vem sendo muito discutida hoje em dia dentro das instituições. Professores e gestores, bem como os demais sujeitos que nela estão inseridos procuram, muitas vezes sem sucesso, manter a tão almejada ordem e disciplina, tão fortemente atrelada ao conceito de escola como um espaço regulador e cheio de regras, horários a serem cumpridos.

Contudo, os tempos mudaram, as crianças e os jovens da atualidade concebem uma outra visão sobre o mundo à sua volta. Os modos de ser, agir, pensar mudaram e com tantas mudanças, a escola e por conseqüência os muitos educadores parecem não acompanhar.

Os antigos modos de controlar e “adestrar” da escola parecem hoje não surtir mais efeito sobre seus educandos, ameaças e punições não funcionam para todos, fazendo com que muitos se rebelem e se mostrem aos olhos dos educadores como indisciplinados.

Diante disto, criou-se a necessidade de uma escola diferente, uma instituição que acompanhe a evolução do mundo. Que seus educadores em face disso, estejam sempre buscando novas formas de alcançar os objetivos propostos no que diz respeito ao processo de aprendizagem, e ao mesmo tempo satisfazer seus alunos, mantendo-os interessados, promovendo uma relação estável e prazerosa na qual tudo é válido e importante para ambos os lados, se fazendo compreender e sendo compreensivo com as situações que se desenrolam no cotidiano de qualquer sala de aula.

Todavia, a relação entre docentes e discentes, tão fortemente abalada pelos diversos acontecimentos do cotidiano das aulas, parece demonstrar a fragilidade da prática docente, destes que deveriam ministrar as aulas e fomentar um momento de ensino-aprendizagem prazeroso, no qual educadores fragilizados e alunos desinteressados parecem tanger as salas de aula, demonstrando a falta de tato destes em conseguirem o interesse de seus alunos sobre os conteúdos aplicados.

Deste modo, diante de tantos impasses e contratempos que desmotivam os professores, pensamos em que tipo de formação o educador da atualidade deve buscar, pois sabemos que velhos conceitos ainda tão fortemente atrelados à prática parecem não surtir efeito, ocasionando o verdadeiro caos na vida destes que não sabem administrar o novo.

Diante disso é necessário que a formação docente esteja voltada para a atualidade, para os conflitos existentes na sociedade em que hoje vivemos, para assim, ao se depararem com tais problemas que inevitavelmente interferem no cotidiano de seus alunos, não se sentirem sem saber como agir, pois é importante que haja sempre uma reflexão acerca disto. Um professor comprometido deve ser autônomo, perspicaz, reflexivo, já que ele mesmo é o responsável por sua própria formação, pois é dele que tem que nascer a força e a vontade de crescer, de compreender este engendramento que é a educação na escola atual.

Por isso, sendo a sala de aula um espaço de convivência entre os diferentes sujeitos, de aprendizagem, de desenvolvimento moral e intelectual, é dentro dela que se perpetua o saber formal; há então a necessidade de se fazer desta um “locus” que não somente fomente a educação, mas que respeite as diversidades, pois muitos dos conflitos travados entre professores e alunos começam no momento em que um destes não respeita o outro.

Entretanto, o educador nunca estará pronto e acabado no que diz respeito à sua formação, já que assim como a indisciplina escolar, muitos outros problemas desafiarão o trabalho do professor fazendo-o ir em busca de soluções viáveis, uma vez que reclamar e lamentar pelas situações vividas pouco ajudará a solucioná-las; o importante mesmo é correr atrás de subsídios para enfrentá-la, encará-la de frente, estando ciente do que fazer e do porque fazer.

A formação não é algo que se dá em um espaço-tempo que logo ficará pronto e acabado, é algo que se edifica ao longo da prática cotidiana do professor, que requer uma formação continuada baseada no novo, ou seja, nas novas concepções educacionais que são discutidas e expostas para os novos e velhos educadores, com

intuito de ajudá-los frente aos seus problemas. Pois como nos dizem Oliveira e Golba (2008):

“... tanto na formação inicial quanto na formação continuada de professores é necessário que os mesmos sejam submetidos a uma formação teórica adequada que forneça a eles, instrumentos de reflexão para uma análise coerente das possíveis situações de indisciplina escolar com que pode vir a confrontar-se, permitindo uma atuação fundamentada, e não às cegas face a essas situações”(2008, p.6).

Enfim, a formação docente não se resume somente em uma prática reflexiva, mas na vontade de mudar do educador, já que sabemos da função social que está atrelado ao seu trabalho de transmitir saberes, pois compreendemos que não podemos sozinhos mudar o mundo, mas ao menos podemos fazer a diferença com os nossos alunos, fazendo com que o processo de desenvolvimento e estruturação destes aconteça de forma plena, no qual eles amadureçam, cresçam a fim de que consigam alcançar os fins desejados. Todo educador deveria ter como prioridade a formação plena de seus alunos, enquanto sujeitos e cidadãos. A indisciplina escolar sempre poderá existir e permear as mais diversas salas de aula, cabendo ao docente que está frente a ela saber administrar as situações criadas, promovendo ao fim o que se deseja: o desenvolvimento intelectual, social e físico de seus alunos.

2.2: A indisciplina escolar pautada no cotidiano das aulas da Escola Municipal Helena Antipoff: uma visão de cada educador e de como a concebem

A presente pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal Helena Antipoff, localizada na cidade de Niterói, no bairro de São Francisco, uma escola que trabalha com o primeiro ciclo do ensino fundamental, funcionando nos turnos da manhã e da tarde com o ensino regular e à noite com a EJA. Buscamos mostrar como se dão o cotidiano das aulas na instituição. Tendo como foco o trabalho de dois professores que estão em turmas com problemas de indisciplina.

Deste modo, pesquisa também tem o objetivo de investigar quais são os fatores externos e internos que interferem no cotidiano das aulas, sendo vistos como indisciplinados, e como a escola juntamente com os professores trabalha esta problemática.

Dentre isto, foi desenvolvido questionários com as duas professoras, no qual o propósito era conhecer melhor tais educadoras, bem como o seu processo de formação e o que cada uma delas entendia como indisciplina escolar e como cada uma a concebia dentro de sua classe, ou seja, como cada uma delas trabalhava frente às situações de conflitos.

Assim, cada professora concebe uma visão bem parecida do que seja a indisciplina na sala de aula, para a professora Karen:

A indisciplina no meu ponto de vista está ligada à dificuldade de aprendizagem de alguns, ao relacionamento que é estabelecido entre professor e aluno e conseqüentemente com os colegas, um problema também de estrutura escolar no qual às vezes a instituição não oferece as necessidades de sistematização e organização que eles precisam, porém o que mais contribui a meu ver para a grande ocorrência deste problema é a falta de estrutura familiar, os responsáveis por eles não participam muito tornando difícil o meu trabalho, pois sem o apoio deles fica muito complicado desenvolver um bom trabalho com o aluno.

E a resposta da professora Norma também não é muito diferente quando a mesma afirma:

O que mais contribui para a promoção da indisciplina na minha turma são os fatores externos, ou seja, os pais não participam da vida de seus filhos, são poucos os que têm o privilégio de contar com o apoio dos seus responsáveis. A falta de estímulo em casa é muito grande, tenho alunos que praticamente vivem sozinhos sem auxílio de seus pais, tornando muito difícil o desenvolver das aulas, pois tem dias que eles chegam tão agitados, chateados, agressivos que eu preciso parar tudo o que estou fazendo e dar atenção exclusiva somente a esse aluno, conversar com ele, tentar ajuda-lo, porém é muito complicado pois com isso, preciso parar a aula e deixar os demais alunos, o que acaba enfim prejudicando os outros.

Contudo, podemos perceber a partir do que foi exposto pelas professoras, que estas concebem a indisciplina como um acontecimento muito mais de cunho externo do que um problema de dentro da sala de aula. De fato, sabemos o quão

importante é a presença da família no processo escolar de seus filhos, porém não são todos que concebem a presença dos pais, deixando com o professor um trabalho muito mais complexo, mas não impossível, pois um professor cioso de seus deveres e comprometido com a sua prática saberá contornar as diversas situações de conflito.

Entretanto é necessário o total apoio da gestão da escola, pois o professor também não pode prejudicar os demais alunos por causa de um, por isso torna-se inviável a execução de um bom trabalho frente à indisciplina se o educador estiver sozinho, pois já existe a ausência dos pais, e se por consequência a instituição também não se comprometer como foi citado acima pela professora Karen, pouco será o sucesso.

Em vista disto, as duas turmas onde atuam as professoras Karen e Norma, se valem de duas docentes que têm formação acadêmica, sendo que a segunda tem também pós-graduação em educação, sendo, portanto, educadoras que tiveram uma formação para exercerem a profissão de professor, tiveram ao menos em sua formação inicial subsídios para estarem em sala de aula, e ambas já tem uma experiência frente ao trabalho docente.

Com isso, as situações de conflitos relatadas pelas professoras deixam transparecer que o problema além de ser de cunho externo, falta de estruturação familiar, está também muito atrelado em alguns momentos a falta de tato destas em contornar a situação, e acabam por utilizar exarcebadamente a autoridade que é inerente à figura do professor, com fica claro na fala da professora Karen quando esta relata um episódio vivido por ela com relação à indisciplina:

Houve um dia em que um dos meus alunos estava muito inquieto, implicando o tempo todo com seus colegas e tumultuando a aula, não sei ao certo o que aconteceu com ele mais acredito que deve ter acontecido algum problema em casa. Foi então que eu pedi ele parar e se sentar, pois estava atrapalhando os colegas que queriam aprender, e ele me respondeu que não estava a fim de ficar quieto e que eu não mandava nele, então perdi a cabeça e usei toda a minha autoridade como professora para tentar controlá-lo, e ele coagido acabou chorando piorando mais a situação.

Estes acontecimentos deixam claro que muitos professores ao invés de “tentar controlar a situação”, procurando compreender o que aconteceu, conversando com o aluno, sendo paciente, acabam recorrendo a velhos modelos tradicionais, como

ameaças e punições bem como a maneira de falar gritando, para mostrar ao aluno que ele é quem manda, e o aluno deve obedecê-lo. Em face disso, podemos utilizar esses momentos para a reflexão de nossa prática, para pensarmos acerca dessas situações. Segundo Arroyo (2004):

As condutas dos alunos põem em entredito nossos poderes e saberes, nossas auto-imagens doentes. E de maneira radical. Na raiz. Há motivos para perplexidades. Na nova relação com os alunos fica instalada uma nova relação com nós mesmos. Aprendemos e nos aprendemos. As tensões e medos são legítimos. Tensões que partem do choque com as condutas dos alunos, mas que tocam nas raízes mais fundas de nossa docência. (2004, p. 37)

Porém estas atitudes focadas em uma prática voltada para o tradicionalismo acabam por permear as situações de conflitos entre professores e alunos, quando o educador não tem total confiança em si, em sua prática cotidiana, quando o seu relacionamento com a turma não é de todo prazeroso deixando transparecer o quão frágil encontra-se a sua prática pedagógica. E este é mais um quadro vivido na turma da professora Norma, quando esta relata:

Meus alunos têm muita dificuldade em aceitar ordens. Tenho alunos que têm grande aversão as regras que regem uma sala de aula e toda a escola. Às vezes fico sem saber o que fazer, me sinto fragilizada, incapaz de conseguir me fazer entender. Sei que muitos deles têm sérios problemas em casa, no qual não posso relatá-los, porém sou uma só e a instituição pouco contribui, o máximo que fazem é encaminhar algum caso mais grave, como de agressão verbal ou física, ao conselho tutelar, porém poucos são as ações favoráveis a nós professores que acabamos nos tornando vítimas dos nossos alunos, dessas situações.

No entanto, fica claro segundo as falas das professoras como a instituição pouco contribui para a solução deste problema, deixando transparecer a fragilidade com que toda a comunidade escolar lida com a indisciplina, em que deixar de lado uma problemática que se tornou uma constante na instituição, nos parece que o olhar desta gestão para esses educadores que encontram tais dificuldades é restrito.

Todavia, muito tem se discutido que um dos grandes problemas da educação é a formação docente, da precariedade desta, da dificuldade de se entender e

por em prática novas práticas (BANDEIRA, 2008). São travadas discussões sobre a formação dos professores e sobre como estes, depois de sua formação inicial, buscam novas fontes de conhecimento, isto é, uma formação continuada, onde estarão sempre procurando estar por dentro dos mais atuais assuntos que envolvem a educação. Entretanto, escuta-se muito de alguns professores que a falta de tempo em buscar novas fontes de conhecimento acabam por impedi-los de estarem atualizados. Esta questão fica explícita quando a professora Norma alega que:

... eu tenho cinco filhos que ainda são crianças, que precisam de mim, tenho muita dificuldade em buscar novas fontes de conhecimento, às vezes procuro algum texto, mas atualmente tem sido muito difícil.

Assim, a partir deste relato percebe-se como muitos professores exercem a sua profissão, transitando pelos caminhos da incerteza, sem saber ao certo o que fazer, e como agir, contando com si próprio, ficando preso a velhos moldes doutrinários de exarcebação da autoridade e ameaças de punições. E deste modo, se atentarmos à concepção de formação segundo Freire (1997), percebemos o quão distante encontram-se esses educadores, pois segundo o mesmo:

A educação é permanente não por que certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, do outro, da consciência que ele tem de finitude. Mas ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (FREIRE, 1997, p.20)

Com isso, de acordo com as palavras de Freire (1997), os professores devem ter uma concepção mais ampla do que seja de fato a sua formação. Que esta não se resume somente no que diz respeito aos problemas vividos na sala de aula, mas que vá além, buscando sempre conhecer mais, entender mais, independente se tais assuntos permeiam ou não a sua prática cotidiana, pois o maior tesouro que um educador pode ter é o conhecimento.

2.3: A instituição escola: como a Escola Municipal Helena Antipoff trabalha frente às situações de conflito

A escola da atualidade parece não conseguir acompanhar a evolução em que hoje se encontra o seu alunado. Vivemos no mundo das mídias, no qual nossas crianças têm acesso aos diversos acontecimentos que se dão ao longo de cada ano que se passa. Neste caso, seria válido pensarmos que diante desta evolução da sociedade, qual a razão da escola ainda encontra-se tão fortemente agarrada a antigas concepções de ordenar e controlar corpos?

Sabemos da necessidade da disciplina para se fazer ouvir e ser ouvido, porém que tipo de disciplina a escola deseja promover? Alunos acrícos, quietos, com seus corpos presos, sem autonomia ou alunos que se façam ouvir, que concebam este momento de ensino aprendizagem como um momento prazeroso, sejam críticos, indagadores? É necessário distinguir tais definições, pois nem sempre uma turma relativamente quieta é, de fato, reflexo de uma prática pedagógica benéfica, de uma turma disciplinada, pois muitos professores se valem de artifícios como ameaças e punições ao invés do diálogo e de construção de regras que deverão ser obedecidas por todos, para que se consiga realmente dar continuidade às aulas.

Segundo Aragão e Filho (2005), *“a forma com que a escola está organizada contribui e, até, é responsável pela indisciplina escolar. Indicam que as causas da indisciplina escolar residem tanto na organização da própria escola enquanto instituição, quanto nas relações interpessoais frutos dessa organização”* (2005, p.5).

Deste modo segundo a fala de uma das professoras citada no tópico acima:

“à indisciplina no meu ponto de vista está ligada a um problema também de estrutura escolar no qual às vezes a instituição não oferece as necessidades de sistematização e organização que eles precisam”.

Com isso, percebe-se a partir do relato da professora a falta de estrutura da escola em lidar com tal assunto, ainda fechada em concepções fortes arraigadas, reconhece em seu seio os grandes problemas ocasionados pela indisciplina escolar,

porém parece não abrir os olhos para alguns fatores que devem ser considerados como possíveis causadores deste problema.

Dentre isso, é válido considerar que a presente escola não fica parada frente a tais acontecimentos, esta somente não sabe ou não consegue manuseá-los devido à demanda de ocorrências, fazendo com que a gestão não consiga dar conta de tantos fatos. Contudo cabe aqui ressaltar que a instituição também é feita de problemas, mais até do que soluções, e que seus gestores precisam atentar-se para toda e qualquer possibilidade de conflito, mostrando jogo de cintura e interesse em obter sucesso esperado.

Segundo Alcântara (2008), *“nas escolas, a indisciplina não constitui apenas um fenômeno atrelado a determinados comportamentos de indivíduos particulares, mas pode ser pensada como um fenômeno cultural, bem como institucional”* (2008, p.1). Com isso, é importante ressaltar que os problemas com a indisciplina na escola também acontecem independente de qualquer problema externo, porque em muitos casos a escola não consegue trabalhar frente às situações de conflito, ao se deparar com tal quadro as pessoas se sentem perdidas, sem referências.

É importante lembrar, que quando um aluno vem de casa com um problema, é na escola que muitas vezes ele exprime a sua inquietação ou irritação, descontando nos colegas de classe, na professora, enfim, nos diversos sujeitos que compõem uma instituição, e que neste caso a própria instituição juntamente com o professor deveria buscar meios de ajudar esse aluno. Compreendê-lo, se mostrar interessada em seus problemas, já que quando a criança se sente segura ela irá se sentir mais à vontade em expor seus anseios, e seus problemas não irão interferir nos seus relacionamentos dentro da escola, pois assim ela se sente acolhida, compreendida, ao invés de descaso ela encontra a segurança em poder contar com alguém.

Deste modo, compreendemos que hoje muitas crianças que transitam pelas escolas têm responsabilidades de adultos. Muitas cuidam da casa, de seus irmãos, e este quadro não é diferente na escola pesquisada. Há alunos, segundo a professora Norma: *que praticamente vivem sozinhos sem auxílio de seus pais*. E em consequência não aceitam os velhos moldes da escola, no que diz respeito ao cumprimento de ordens e

regras, não têm este tipo de engendramento em casa, onde os pais não estão à frente de seus filhos, educando construindo e estabelecendo juntos limites e regras para uma boa convivência, deixando uma lacuna muito grande nestes, que ao se depararem com todos os moldes, requisitos, regras e limites que compõem uma escola, não sabem como administrar esse mundo novo.

É claro que toda criança tem direito de expor aquilo que não está lhe agradando, não está transcorrendo como esperado, e em consequência a instituição escola agarradas às suas velhas concepções de disciplina, não deveria se utilizar de métodos tão ultrapassados para tentar “moldar” seus alunos, já que crianças não precisam de moldes, precisam de exemplos de bons adultos para seguirem, precisam de professores, gestores, que compreendam o seu dia-a-dia, suas dificuldades em lidar com esse cotidiano diferente, que é a escola.

Por isso, a melhor saída para a escola seria talvez a promoção de novas metodologias pedagógicas para lidarem com o problema da indisciplina, fazendo com que os diversos problemas que ocorrem no desenvolver das aulas sejam encarados com outros olhos, possibilitando um novo olhar sobre a indisciplina na escola, deixando para trás velhas práticas que insistem em estigmatizar nossos alunos, fazendo com que no futuro se tornem adultos incapazes de refletirem sobre o mundo em que vivem, sem consciência da sociedade em que estão inseridos, fazendo com que se tornem indivíduos que vivem com medo do novo. Segundo Freire (1987):

“Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no seu reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos”.(1987, p.29)

Ou seja, alunos que ao se tornarem homens sentirão muitas dificuldades em viver neste mundo, pois não aprenderam a serem indagadores críticos e em

consequência desta condição que se encontram, pouco será o progresso, já que não aprenderam a querer mais, a esperar mais de si mesmo.

Contudo, as escolas ainda vivem esta dicotomia na qual de um lado encontram-se as novas concepções pedagógicas, e do outro as velhas concepções fortemente atreladas, deixando transparecer sua fragilidade em administrar os novos acontecimentos, as mudanças que giram em torno de seus alunos.

A Escola Municipal Helena Antipoff vem tentando trabalhar em cima destas situações de indisciplina escolar que tangem o seu cotidiano, porém deixando transparecer o quão ainda é frágil o seu trabalho para tentar administrar tais problemas. Valendo-se somente do conselho tutelar como “aliado” nas questões de abandono dos pais, de sua desobrigação de adultos responsáveis por seus filhos, deixando aberto enfim, um grande buraco quando se trata de casos onde o professor não consegue sozinho lidar com tal problemática, no qual a escola não fornece subsídios a seus educadores sobre como enfrentar a indisciplina, pois segundo Zandonato (2009), *“a indisciplina escolar não envolve somente características encontradas fora da escola como problemas sociais, sobrevivência precária e baixa qualidade de vida, além de conflitos nas relações familiares, mas aspectos envolvidos e desenvolvidos na escola como a relação professor-aluno”*.

Por isso, é necessário se pensar qual tipo de escola hoje vem sendo concebida, pois a indisciplina é promovida por diversos motivos alheios ou não à instituição, e ela como um local que fomenta a educação deveria estar mais atenta a tais conflitos, já que o sucesso só acontecerá se o que se pretende realmente seja efetuado: o crescimento moral, físico, psíquico e intelectual de seus alunos.

CAPÍTULO III - QUANDO PASSA DOS LIMITES - COMO O PROFESSOR E A ESCOLA PODEM TRABALHAR JUNTOS QUANDO A INDISCIPLINA GERA A VIOLÊNCIA ESCOLAR

No atual modelo de sociedade em que hoje nos encontramos, temos consciência das mudanças e dos acontecimentos à nossa volta. Vivemos hoje em uma sociedade marcada pela violência, seja ela referida à criança, à mulher ou aos jovens. Nossas crianças em função das mídias que hoje nos cercam em todos os lugares onde estamos inseridos, têm contato com os diversos acontecimentos existentes, algumas, independente das mídias, têm contato diretamente com cenas de violência que tangem o seu cotidiano, seja porque moram em áreas de risco ou porque vivenciem episódios de violência doméstica.

Devido a essa grande incidência, a escola como um local que reúne em si indivíduos de várias localidades e de culturas diferentes não está imune a tais acontecimentos. Sabe-se que a grande ocorrência de indisciplina escolar tem gerado dentro das instituições momentos de conflitos que quando saem fora dos limites desencadeiam a violência por parte dos sujeitos envolvidos, quer seja professor e aluno, alunos contra alunos, alunos e gestores ou mesmo com as famílias.

Assim, a violência escolar tem sido um agravante que as escolas em muitos casos não sabem como lidar, e que gera então o desconforto ou até mesmo medo por parte dos que estão envolvidos. Segundo Marcelos (2009), *“a violência é hoje uma das principais preocupações da sociedade. Ela atinge a vida e a integridade física das pessoas. É um produto de modelos de desenvolvimento que tem suas raízes na história”* (2009, p.1).

Contudo, do mesmo modo que a escola vive grandes problemas com a indisciplina, a violência também se tornou um quadro presente, no qual grande parte dos acontecimentos relacionados à violência escolar têm ocorrido, por exemplo, por atitudes de exarcebação da autoridade por parte dos professores ou até mesmo dos gestores, pois segundo Aragão e Filho (2001), *“na ânsia de resolver situações de conflitos, muitas vezes professores impõem regras, agem de forma repressora, coercitiva e não propiciam o desenvolvimento da autonomia moral”*. (2001, p.5)

Diante disto, a falta de respeito pela figura dos alunos, pelos seus problemas familiares, sociais, faz com que os professores não compreendam algumas atitudes de seus discentes, revelando o quão distante se tornou em muitos casos a relação entre professores e alunos. Ameaças partem de ambos os lados, estreitando cada vez mais esta relação, tornando-se pesada a convivência, o cotidiano das aulas, pois sabe-se que tanto a promoção da indisciplina quanto a violência é exercida porque algo não está saindo como esperado.

Deste modo, a escola sendo uma instituição que deveria promover uma educação para a cidadania, respeitando as diferenças e particularidades de cada sujeito ali presente, parece insistir em aplicar velhas concepções de homogeneização e de padronização sobre seus alunos, valendo-se de jogos de poder e autoritarismo a fim de que se consiga a generalização de um único modelo de aluno: aquele que é quieto, sem argumentos, sem críticas e não reflexivo. Porém o que se deveria esperar é que por serem singulares, nem todos obedecem e seguem os ditames escolares, preferindo rebelar-se. Com relação a este papel da escola, Aquino (1998) nos diz:

“A escola, como qualquer outra instituição, está plantificada para que as pessoas sejam todas iguais... A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que esquadrinham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade” (1998, p.4).

Entretanto, talvez fosse no coração destas atitudes homogeneizadoras em que a escola está fixamente atrelada, que faz com que as situações se agravem. Pois sabemos que muitos alunos expressam comportamentos que adquirem a partir de suas vivências em casa, na rua enfim, dos diversos meios sociais nos quais estão envolvidos e ao chegarem à escola muitos não se adaptam a tal sistema de regras. Assim, atitudes indisciplinadas e até mesmo violentas seriam talvez uma resposta, uma negativa em aceitar tais procedimentos, revelando aos olhos da instituição que algo não está funcionando perfeitamente, e que deveria, portanto fazer com a escola repensasse sobre os seus conceitos e concepções de educação.

Com isso, discutimos aqui questões sobre violência escolar, quando o quadro de indisciplina dá lugar à violência deixando marcas em todos os envolvidos e em consequência, como o professor e a escola trabalham juntos frente às situações de confronto e buscando como seria a melhor saída para a resolução desta problemática.

3.1- Quando a indisciplina gera violência escolar

A violência escolar tem sido dentro deste contexto da indisciplina, uma problemática muito presente no cotidiano institucional. A escola como uma instituição que visa à formação plena dos sujeitos deve estar atenta a todo e qualquer problema existente em seu seio com relação à indisciplina, pois de certa forma é dentro dela que muitos conflitos são expostos, independentes de terem sido gerados ali ou não.

Dentre isso, é necessário que a escola e conseqüentemente todo o corpo docente estejam sempre buscando fontes de conhecimento, para enfim estarem preparados para enfrentarem as diversas situações que tangem o cotidiano escolar, pois segundo Aragão e Filho (2001): *“A escola, como espaço institucional responsável pela educação ao deparar-se com a indisciplina interferindo em seu objetivo maior – promover a educação – deve manifestar a preocupação em encontrar caminhos que apontem para a solução ou amenização deste problema”* (2001, p.3).

Nos dias atuais vivemos em uma sociedade marcada pela violência, seja na rua, em casa ou na escola. Nossas crianças, a partir desta realidade cotidiana devido em grande parte às questões sociais, têm contato com a violência, e diante disto a escola e todos os sujeitos que nela estão inseridos vem enfrentando momentos conflituosos, de medo, violentos. E com relação a isto, Aquino (1998) nos diz:

Em termos especificamente institucionais, a ação escolar seria marcada por uma espécie de "reprodução" difusa de efeitos oriundos de outros contextos institucionais molares (a política, a economia, a família, a mídia etc.), que se fariam refletir no interior das relações escolares. De um modo ou de outro, contudo, a escola e seus atores constitutivos, principalmente o professor, parecem tornar-se reféns de sobredeterminações que em muito lhes ultrapassam, restando-lhes apenas um misto de resignação, desconforto e,

inevitavelmente, desincumbência perante os efeitos de violência no cotidiano prático, posto que a gênese do fenômeno e, por extensão, seu manejo teórico-metodológico residiriam fora, ou para além, dos muros escolares. (1998, p.2)

Deste modo a indisciplina escolar gera a violência quando o aluno em momentos de conflito quer seja com os professores ou com os demais sujeitos escolares, agride verbalmente promovendo a exarcebação da figura do outro, ou ainda por agressão física. Tem sido triste e desestimulante para alguns docentes conviverem em meios a estes confrontos, nos quais o medo e a insegurança circundam a relação entre professores e alunos, que deveria ser de respeito e consideração à figura do outro, servindo, portanto, para ambos os lados.

Entretanto, não existem fórmulas capazes de serem seguidas a fim de que as situações se estabilizem, porém há atitudes e momentos de reflexão acerca dos problemas que são capazes de oferecer possíveis caminhos a serem trilhados, para se conseguir a tão esperada harmonia entre escola-professor-aluno-família, já que a escola é composta de sujeitos e cada um é particular em sua essência e que precisa ser respeitado. Com relação a isto, Aquino (1998) nos diz:

Sujeito que só o é concretamente como efeito de uma equação institucional que requer obrigatoriamente um outro complementar, portanto, uma relação pontual. E, sendo assim, que ocupa um lugar determinado em relação a esse outro, portanto, parceiro de uma relação institucionalizada, e que o faz sempre de modo singular. Ou seja, está inserido em uma relação, ocupa um lugar determinado nessa relação, e dele se apodera de acordo com uma maneira específica, isto é, posiciona-se em relação a ele. (1998, p.3)

Assim, os alunos-sujeitos, estão no mundo, vivem em outros lugares, fora dos limites da escola, se relacionam com os diferentes sujeitos e trazem consigo fragmentos desse contato com o outro, no qual refletem em seu jeito de agir, pensar e ver o mundo, as coisas que estão a sua volta. Suas atitudes são, enfim, marcadas por esta trama de relacionamentos nos quais os indivíduos estão expostos em seu cotidiano.

Portanto, cabe à escola juntamente com o professor, a família e o aluno, traçarem os verdadeiros caminhos que os levem a uma relação estável e verdadeira, deixando explícitas as necessidades de cada um, a fim de que no final o objetivo maior seja cumprido: a promoção da educação.

3.2 - Como o educador e a instituição trabalham frente às situações de confronto

Atualmente, as escolas e conseqüentemente seus docentes têm sofrido com os grandes incidentes referentes à violência escolar. Trabalhar em locais riscos, com alunos que expressam em seus relacionamentos com os outros através de atitudes violentas, parece ser para o professor um verdadeiro tormento, poucos são os docentes e gestores que juntos trabalham na perspectiva de melhorar o quadro em que hoje se encontram muitas escolas.

Trabalhar frente às situações de confronto faz com que a instituição e o professor tracem um novo olhar sobre estes acontecimentos. Torna-se, portanto, imprescindível que todos tenham um olhar mais voltado para o que poderia estar ocasionando tais atitudes do que para as conseqüências destas, pois se o problema consegue ser facilmente detectado e resolvido em sua nascente, esses conflitos poderão se extinguir em algum momento.

Deste modo, a violência escolar há muito deixou de ser um problema somente da escola e do aluno, tornou-se um problema de escala social que afeta tanto os alunos das classes populares quanto aos que pertencem às camadas mais altas, é um fenômeno que põe em cheque o que hoje tornou-se para as instituições o ato de educar. Fazendo-nos perguntar, qual tipo de educação hoje é promovida pelas escolas?

É necessário que a escola trace os caminhos que deseja seguir, deixando claro para os seus alunos suas regras e limites de funcionamento, para que todos ali inseridos concebam um relacionamento pautado na verdade, no respeito ao outro e que assim possam caminhar juntos, pois segundo Aragão e Filho (2005):

“O desafio lançado às escolas parece ser o de descobrir formas de relacionamento com

os alunos que criem novas significações no universo destes, através de uma (re) construção da identidade escolar que atenda as expectativas dos alunos e de seus pais e, ao mesmo tempo, cumpra o seu papel social de disseminadora de conhecimentos científicos construídos pela humanidade” (2005, p.15).

Com isso, parece ser nas negociações do lugar onde alunos e professores estão inseridos que reside a solução para os problemas da violência. Quando a escola atenta para as dificuldades que os docentes têm encontrado em suas salas de aula, poderá trabalhar junto com o professor, traçando os melhores caminhos a serem percorridos, já que agora o professor pode expor os problemas por ele vividos, e conseqüentemente receberá mais atenção de sua instituição, e assim agora juntos trabalham com o propósito de edificar uma instituição que compreenda e atenda às necessidades e expectativas de seu alunado.

Então fica claro que não é por meio da exarcebação da autoridade que o professor conseguirá um melhor resultado frente a estas situações de conflito. É através do diálogo, da discussão em grupo, na exposição de desejos e descontentamentos que este conceberá um relacionamento estável e acima de tudo prazeroso, no qual alunos se sentem enfim compreendidos, tornando o momento de ensino-aprendizagem harmonioso e de prazer tanto para o educador e principalmente para o aluno.

Portanto, é nas adversidades do dia-a-dia que as escolas devem focar o seu olhar, fazer delas momentos de questionamentos e reflexão, valendo-se das conversas com professores, alunos, responsáveis, a fim de que se consiga solucionar os problemas com a violência, fazendo daquela instituição não somente um lugar aonde os alunos vão para receber uma educação formal, mas que ali seja um lócus que fomentará uma educação para o agora, o atual e conseqüentemente para o futuro. Que seus educandos saiam dela como sujeitos capazes de viverem neste mundo desigual e excludente, onde as camadas populares são massacradas. Enfim, estas crianças se tornarão adultos conscientes deste engendramento da sociedade atual e conseguirão mesmo assim estar com esse mundo, já que podem ser sujeitos críticos, reflexivos e indagadores, pois

receber uma educação para a cidadania faz sentido e possibilita crescimento intelectual, emocional e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido aos grandes problemas atualmente enfrentados pelas escolas, no que diz respeito à indisciplina escolar, o presente trabalho monográfico se propôs discutir alguns aspectos e conseqüências destes problemas há muito disseminados nas instituições. Deste modo, por ser uma temática que envolve muitos fatores, somente alguns aqui foram expostos, nos fazendo refletir sobre como tem sido os processos de construção dos relacionamentos dentro das escolas, visto que hoje encontra-se tão alarmante os incidentes causados pela indisciplina e pela violência. Mostramos através da pesquisa aqui relatada o quão tem sido difícil para os professores a construção dos relacionamentos com seus alunos, revelando a fragilidade que estes encontram em sua profissão.

Entretanto, a necessidade de amenizar as situações algumas vezes faz com que elas se agravem multiplicando os problemas e dificultando cada vez mais a ocorrência de soluções viáveis e que realmente serão eficazes. A escola na ânsia de resolver as problemáticas acaba por não refletir claramente as situações, pois segundo Aragão e Filho (2005) *“a escola tem um papel na indisciplina de seus alunos, com a relação professor e aluno, mas hoje a escola exclui, marginaliza, não acredita no potencial de seu aluno e não cumpre o seu papel. Fica claro para nós que a escola não pode ser responsabilizada por tudo, mas que tem sim um papel importante neste fenômeno”* (2005, p.16).

Com relação à formação docente, esta vem deixando muito a desejar, pois o relacionamento entre professor-aluno vem se mostrando cada vez mais fragmentado, no qual o primeiro não consegue se importar com seu aluno e o segundo não dá crédito à pessoa que deveria fazer a diferença na sua vida, tornando o momento de ensino-aprendizagem pesado e sem interesse aos olhos dos alunos, já que estes sabem reconhecer quando o professor há muito deixou de estar interessado. Discute-se a necessidade de uma formação voltada para a atualidade, capaz de refletir sobre os problemas da escola atual. Em contrapartida, questiona-se que o educador atual deve estar a todo o momento buscando novas fontes de conhecimento, estar atualizado, buscar novas concepções pedagógicas, ser competente o suficiente para compreender

que às vezes parte dos problemas reside em sua prática cotidiana, revelando o quão comprometido este deverá ser com a sua prática.

Contudo, é buscando uma formação voltada para o novo que o educador contribuirá positivamente para a promoção de uma educação que abrirá novos horizontes, de uma educação para a prática da liberdade, na qual seus alunos, futuramente, serão homens e que fazem parte desta sociedade, pois segundo Freire (2005), *“o homem existe – existere – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se”* (2005, p.49). Ou seja, seus alunos, serão adultos capazes de refletirem sobre o mundo em que vivem, e não serão esmagados por uma sociedade de classes e cheia de desigualdades, pois se saberá vivendo neste mundo e com este mundo.

Por isso, há a necessidade de uma boa formação e inicial e continuada, pois só assim o educador terá subsídios para enfrentar as situações de confronto que tangem suas aulas, saberá resolvê-las de maneira a não piorar a situação, se valerá do diálogo, procurando compreender suas atitudes e ao invés de marginalizar e estigmatizar seus alunos, os ajudará, pois compreende-se que muitos refletem em seu comportamento as angústias de uma família fragmentada, de problemas onde vivem ou até mesmo alertando o educador que o problema reside no seio na relação professor-aluno, no momento em que o docente fechado em suas concepções não consegue estabelecer frente à sua turma regras e limites construídos coletivamente para o bom desenvolvimento das relações que entre eles se estabelecerão. Portanto, a escola sempre poderá trazer em seu seio diversos problemas, como indisciplina, violência, falta da presença dos pais na instituição, problemas sociais, entre outros, o que possibilitará com que a instituição reflita sobre o porquê de tantos incidentes. E é a partir desta reflexão e da indagação sobre tais problemas que a escola possivelmente encontrará a melhor solução. Trabalhando juntos gestores e professores a fim de que se resolvam as diversas problemáticas do cotidiano escolar, será muito mais fácil encontrar as respostas, já que quando todos trabalham coletivamente em busca do bem maior que uma escola pode oferecer - uma educação voltada para vida - temos maiores chances de oferecer uma educação de qualidade à nossa sociedade.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maria C. & MASETTO, M, T. O professor universitário em aula. São Paulo: MG Editores Associados, 1990. In: texto: A relação Professor/Aluno no processo de ensino e aprendizagem. Disponível em: [espacoacademico](#).

ALCÂNTARA, Josiane Costa de. Indisciplina: desafio em sala de aula
[www.administradores.com.br/.../indisciplina_desafio...sala de aula e na escola/23657/](http://www.administradores.com.br/.../indisciplina_desafio...sala_de_aula_e_na_escola/23657/) -

AQUINO, Júlio Groppa. “A desordem na relação professor-aluno: Indisciplina moralidade e conhecimento”. In: ____ (org). Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas; Summus, 1996.

_____. A Indisciplina e a escola atual. In: Revista da Faculdade de Educação, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

_____. A violência escolar e a crise da autoridade docente. In: Caderno CEDES vol. 19 n. 47 Campinas Dec. 1998. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101

ARAGÃO, Heidene Freitas; FILHO, Raimundo Gustavo L. Indisciplina Escolar – Violência escolar x relação professor e aluno, uma análise sob as perspectivas moral e institucional, em algumas escolas públicas do Gama – DF. Disponível em: www.catedra.ucb.br/sites/100/122/00000048.pdf

ARROYO, Miguel. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BANDEIRA, Hilda Martins. Formação de professores e prática reflexiva
Disponível em: www.ufpi.br/mesteduc/eventos/ivencontro/.../formacao_pratica.pdf

BUSCAGLIA, Leo S. Amor; Nova Era, 2007. 25ª edição

FREIRE, Paulo. Educação Como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 28ª edição. 2005.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 17ª edição. 1987.

_____. Política e educação. São Paulo. Cortez, 1997.

GARCIA, Paulo Sérgio. Uma nova relação professor-aluno e o uso das redes eletrônicas.

<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=12&texto=811>

JUSVIACK, Adiles. Focos e enfoques da indisciplina

Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/511-4.pdf

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

MARCELOS, Viviane Avelino. A violência Escolar.
["http://www.artigonal.com/educacao-artigos/violencia-escolar-729041.html"](http://www.artigonal.com/educacao-artigos/violencia-escolar-729041.html).

NÓVOA, Antonio. Entrevista ao Centro de Referência em Educação (CRE) Mario Covas. Documentação obtida em agosto/2005.
Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br>

OLIVEIRA, Rosymari Lima Guilherme; GOLBA, Mônica Aparecida de Macedo. Reflexões sobre indisciplina escolar e formação de professores.
Disponível em: www.sieduca.com.br/2008/admin/upload/20.doc

PARRAT-DAYAN, Sílvia. Como enfrentar a indisciplina na escola. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

SANTOS, Claudovone Ferreira; NUNES, Marinildes Figueiredo. Indisciplina no cotidiano escolar. In: Candombá Revista Virtual, 2006.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. Reflexão em Paulo Freire: Uma contribuição para a formação continuada de professores.
Disponível em: www.paulofreire.org.br/asp/template.asp?secao

SILVA, Margarete Virgínia Gonçalves; FERREIRA, Jacques de Lima; GALERA, Joscely Maria Bassetto. A indisciplina escolar enquanto desafio na formação do professor: uma realidade posta na sociedade contemporânea.
Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/.../126_494.pdf

ZANDONATO, Zilda Lopes. Indisciplina e a relação professor-aluno: uma análise sob as óticas moral e institucional.
Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/26/posteres/zildalopeszandonato.rtf